

O Amadurecer da Primavera Árabe - a Crise no Egipto

Pedro Ferraz de Abreu *
pfa@mit.edu

Prefácio

Neste preciso momento decorrem violentos confrontos entre civis e policia no Egipto. Mas sobretudo, o que e' de enorme significado, os confrontos são também entre civis fundamentalistas e civis em oposição a' imposição da sharia na Constituição. Um pouco por todo o Egipto, com dezenas, possivelmente centenas de mortos, na sequência do golpe ditatorial do Presidente Morsi; um Presidente que foi, contudo, eleito, com o apoio da irmandade muçulmana.

Na minha opinião, estamos a assistir a um fenómeno de grande importância e com impacto potencial em todo o mundo - incluindo para os europeus. Mas a cobertura noticiosa "main stream", serviu este prato noticioso com a mistura habitual de simplismo e banalização das imagens de violência acéfala (entre dois anúncios comerciais, mais longos que o espaço dado à informação). Foi a reacção a esta cobertura anestésica, cada vez mais filtrada pela lente neo-conservadora (a que muitos chamam de "neo-liberal") para consumo das "massas", que motivou este artigo, que partilho convosco.

PFA, 6 Dezembro 2012, 3 AM

1. Os factos imediatos.

Morsi auto-proclamou agora poderes quase absolutos, num autêntico golpe de estado. Para sua defesa, afirma ser "temporário" e ate' ao referendum da nova Constituição. *Sounds familiar?* Sim.

No's em Portugal temos experiência directa desta tática populista anti-democrática. Primeiro, Salazar chantageou e manobrou os fracos líderes republicanos, ate' assumir poderes ditatoriais, cada vez mais vastos. Depois, so' depois, fez um referendum para "legitimar" a ditadura. Resultado: nunca mais houve resquícios de democracia em Portugal, e demorou 48 anos para termos eleições livres -- e so' depois de uma guerra colonial perdida e de uma revolução saída do descalabro dessa guerra colonial.

So' ingénuos e' que terão ilusões no intuito da manobra: 1) Assegurar que o texto da Constituição que e' posta a referendum, seja aquele com a agenda da irmandade (a sharia), mais ou menos disfarçada para consumo internacional. 2) Assegurar que o referendum e' feito ja' em clima de *progroms*, de perseguição aos opositores, de medo, de intimidação, de *bullying*.

Ate' líderes próximos do Presidente eleito se demarcaram. Acabam de se demitir 6 conselheiros do presidente.

* Prof. Catedrático Convidado, Universidade Técnica de Lisboa, e-Planning Lab, www.labtec-ts.net
MIT, DUSP, www.e-planning.org
CITIDEP, www.citidep.pt

2. Análise do processo em curso.

Morsi foi eleito por uma maioria - disso parece não haver dúvidas, apesar dos protestos de fraudes, provavelmente reais, mas que não chegam para esconder o impulso da irmandade de adquirir hegemonia junto de largas camadas da população.

Mas o que é mais interessante é que a revolução que derrubou a ditadura militar e abriu caminho a Morsi, não foi, nem nada que se pareça, liderada pela irmandade. Tal como na Tunísia, a revolta emergiu de jovens filhos da classe média, educados, frustrados nas suas expectativas de ascensão social, pela perda de qualidade de vida e revoltados pela corrupção descarada e a decadência podre do regime. Tiveram como aliados núcleos intelectuais liberais, laicos, a que se juntou uma massa popular heterogênea, revoltada com as suas condições de vida e a corrupção galopante; onde se incluíam simpatizantes da irmandade, mas não só'.

Os dois grandes poderes no Egipto, com aparelho institucional, infra-estrutura económica e política, foram apanhados de surpresa: os *aparatchicks* do aparelho militar, suporte do ditador, e a irmandade muçulmana, com a sua rede nos países árabes afins.

Caído o poder, tal como na Tunísia, verificou-se uma fase de enorme criatividade, mobilização e participação (p.ex. debate constitucionalista), ainda em torno do movimento que desencadeou a queda. Mas, tal como na Tunísia, e ainda de forma mais vincada que na Tunísia, rapidamente as únicas forças organizadas e com infra-estrutura, assumiram os lugares de protagonismo, e o confronto assumiu linhas de divisão tradicionais - fundamentalistas em torno da irmandade, antigos apoiantes da revolução de libertação colonial egípcia, em torno da elite militar, no exercito.

Numa fase inicial, os primaveris árabes egípcios ficaram confusos, e tanto criticavam, desconfiados, a irmandade, como criticavam -- e tinham escrúpulos em apoiar -- os antigos suportes do regime corrupto. Mas na incapacidade de gerar uma estrutura política autónoma, uma ideologia mobilizadora e um programa autónomo claro, foram completamente ultrapassados. Pelo contrário, a irmandade oferece uma ideologia clara, consistente, proclamando a superioridade de valores sobre coisas materiais.

Parêntesis: Uma coisa que muita da nossa esquerda, incluindo da dita "extrema", parece não entender, ao afundar-se num "pragmatismo" por "coisas concretas", em detrimento das bandeiras dos valores. Ora todas as grandes mobilizações de massas sempre se fizeram por valores (*liberté, égalité, fraternité*, é um bom exemplo). Ou seja, os que proclamam o "fim da ideologia" limitam-se a deixar o terreno livre para propagar outra ideologia. Fim do parêntesis.

Entretanto, os corruptos do aparelho militar, quando se aperceberam que não conseguiam parar a maré da irmandade, trataram de negociar um acordo com o novo regime de Morsi. O resultado, foi a consolidação da irmandade. O exército ainda tentou bloquear o resultado eleitoral no Egipto, numa replica exacta do que fizeram os militares na Argélia, quando os fundamentalistas da FIS ganharam as eleições há 20 anos atrás, em 1992;

Ferraz de Abreu, P. (2012). "O amadurecer da primavera arabe - a crise no Egipto", CRPP, 1(8), pp 16-27, ISSN 2183-8380

mas, ao contrário da Argélia de então, não o conseguiram – pelo menos até agora.

Mas Morsi, que começou com grandes proclamações de moderação para adormecer os incautos, uma vez com o poder na mão, não quer partilhá-lo, nem com os antigos no regime, nem com a nova oposição laica. E agora, com os resquícios do aparelho militar já enfraquecidos, fez este golpe de concentração de poderes.

3. O significado desta revolta agora.

Eis porque a actual revolta pode ter um enorme significado. Desta vez, não se trata de confrontos manipulados entre a irmandade e o corpo corrupto em torno da elite militar. Com esta ultima enfraquecida, os confrontos em curso são "*de facto*", senão "*de jure*", a revolta contra a imposição do fundamentalismo, e um "estado religioso".

São portanto, pela primeira vez, em muitos e muitos anos no mundo árabe, um confronto em nome de um estado laico contra um estado fundamentalista. E isto é uma autêntica novidade do realinhamento sócio-político, e uma oportunidade tremenda de uma revolução ideológica, que permita finalmente ao povo árabe libertar-se de ser obrigado a escolher entre uma elite corrupta e os obscurantistas fundamentalistas religiosos.

Os obscurantistas fundamentalistas islâmicos (tal como, no "ocidente", os obscurantistas fundamentalistas judaico-cristãos), querem apropriar-se da identidade árabe, como se esta fosse indistinta do fanatismo. Ora o mundo árabe (tal como o "ocidente") tem uma historia cultural riquíssima, de liberalidade, de ciência e cultura aberta e tolerante, e promoção do humanismo.

A mesma luta, mais surda, está a passar-se neste mesmo sentido na Tunísia: com dois campos a formar-se, precisamente em torno desta divisão: estado laico anti-corrupção da velha elite militar, contra fundamentalistas. Não confundir defensores do estado laico, com ateus: muitos são movimentos apoiados em minorias religiosas, que se aperceberam há muito que a sua *chance* reside apenas na laicidade do estado.

Por mim, pela primeira vez, estou de corpo e alma com um dos lados nesta revolta. Estou com o povo nas ruas, mesmo em minoria, que corajosamente afronta o obscurantismo, o fanatismo, e a manipulação da clique dos *ayatollahs* que querem manter a religião como suporte para a continuação do seu controle sobre o povo árabe, em oposição a' cultura, a' literacia, a' liberdade.

4. O papel dos *facebook*s e das novas TIC

Foi muito badalada nos media o uso das redes sociais, nomeadamente *facebook*, como instrumental nas revoltas árabes, com ênfase na Tunísia e no Irão, mas não so'. Este é um assunto de particular interesse, mas não deve ser sobrevalorizado.

Ferraz de Abreu, P. (2012). "O amadurecer da primavera arabe - a crise no Egipto", CRPP, 1(8), pp 16-27, ISSN 2183-8380

Como ainda não tenho mais elementos (*hard evidence*), limito-me a apresentar algumas pistas interessantes:

- As novas tecnologias em apoio a redes sociais, estilo *facebook* e outras, aparentam ter um papel significativo como "*enablers*" de impacto político e social de novos movimentos, que de outra forma não conseguiriam ter tal impacto ou dimensão. Por lhes faltar estarem apoiados precisamente numa infra-estrutura de tipo tradicional: um partido político consolidado, com laços ao poder económico, cumplicidades de identidade e ideologia, penetração no aparelho de estado, etc. Por esse motivo, são um fenómeno importante, e que exerce pressão sobre estas estruturas tradicionais, ao apresentar um terreno novo de "competição" pelo espaço político e impacto de dinâmica social.

- Contudo, aquilo que faz a vantagem destas redes, para influenciar mudança, revela-se a seguir uma fraqueza, quando se trata de exercer poder. Uma vez a mudança conseguida, quem mostra ser capaz de capitalizar a queda de regime, não são essas redes e movimentos, mas sim os aparelhos tradicionais, que retomam o controle da agenda e o realinhamento da confrontação. Talvez aquilo que lhes (redes) dá força, a capacidade de unir rapidamente muita gente em torno de um objectivo concreto e focalizado, graças as novas tecnologias relacionais, se perde quando o exercício do poder confronta os membros das redes com a enorme heterogeneidade do movimento, quanto a ideologia e opções de programa económico, político, social. Por outras palavras, as novas redes, baseadas nas novas TIC, permitem e facilitam a unidade na acção para a transformação, mas fragmentam-se quando é preciso escolher um caminho de poder.

Repito, tais são meras considerações prospectivas, e não estão comprovadas ainda por investigação sólida. Mas a evidência anedoctal é sugestiva.

5. O impacto geopolítico

Para entender o alcance do impacto deste novo fenómeno, é preciso ter em consideração vários aspectos.

Em primeiro lugar, é preciso compreender a importância regional do Egipto no mundo árabe, e a tremenda influência que o Egipto tem, como centro de cultura, a vários níveis. E não apenas cultura de elite: até as telenovelas, que predominam nas televisões dos vários países árabes vizinhos, são egípcias. Daí que o impacto cultural do que decorre no Egipto terá, previsivelmente, um efeito de contágio e "contaminação" na região - como já está a acontecer na Tunísia e até em Marrocos.

Em segundo lugar, é preciso lembrar que a última manifestação de uma dinâmica de laicização do estado, no mundo árabe, nada tinha em comum com este novo fenómeno de luta popular. Estava sim enquadrada por interesses e rivalidades étnicas e religiosas - com realce para o partido BAAS no Iraque... de Saddam Hussein. A "nova ordem mundial", com a sua tentativa de impor a "Pax Americana", bem procura reescrever de forma muito Orweliana esse processo, mas foi Saddam e o partido BAAS no Iraque que deu direitos às

Ferraz de Abreu, P. (2012). "O amadurecer da primavera arabe - a crise no Egipto", CRPP, 1(8), pp 16-27, ISSN 2183-8380

mulheres, liberalizou costumes, e caminhou, na fase inicial, para a laicização do estado. Que este processo tenha descarrilado, com Saddam nos últimos anos a mostrar fervor religioso, para combater o "infiel" exercito invasor, apenas mostra as limitações dessa dinâmica, e a sua natureza tacticista.

Em terceiro lugar, este novo fenómeno e realinhamento em curso no Egipto e na Tunísia, estragam as tão convenientes teses do "Choque das Civilizações". Teses com que os neo-conservadores e neo-colonialistas querem arregimentar os cidadãos no Ocidente a "comprar" a sua politica de militarização e "democracias musculadas", com fortes recuos nas conquistas dos direitos e liberdades na Europa e nos USA, acenando com o medo do "outro", do Médio Oriente e Oriente profundo. Ou seja, pintando o Oriente como um bloco ideológico islâmico, tendencialmente fundamentalista, e como tal, em choque com a "boa" cultura "judaico-cristão" ocidental.

Para quem acredita que o fundamentalismo e' apanágio exclusivo do islamismo, basta recordar, p.ex., os judeus fanáticos a tratarem árabes em Israel e territórios ocupados como os nazis trataram os judeus na Alemanha e territórios ocupados (com guetos murados e tudo); e os bons católicos bispos em Espanha, que afirmaram, nos serviços religiosos das vitimas dos atentados da Al-Kaeda em Espanha (vitimas que incluíam gente de todas as religiões, mas que foram obrigadas a aceitar uma cerimonia católica - na pratica, a religião do estado): "*aos terroristas, dizemos: que se convertam (ao catolicismo); e que abandonem a violência*".

A ordem de relevância – primeiro vem o apelo á *conversão religiosa*, só depois o apelo ao fim da violência - não podia ser mais explicita. Até porque, convêm não esquecer, esta mesma igreja católica de Espanha não teve muito problema em conviver com, ou mesmo apoiar-se na, violência fascista de Franco...

Ora o que os recentes movimentos populares vão demonstrando, tanto no ocidente como agora no oriente, e' que a identidade dos povos não está amarrada inevitavelmente aos referenciais ideológicos do obscurantismo e fundamentalismo religioso, seja ele do sabor cristão, judaico ou islâmico. Ou outro.

Existe pois a possibilidade de que a actual resistência popular no Egipto a' imposição fundamentalista, signifique os acordos do "requiem" da fabula do "Choque das Civilizações", e a promessa de um novo despertar, em que não estejamos condenados a escolher entre *Dupond* e *Dupont* nos combates que tenhamos de enfrentar.

6. Fontes.

Tenho acompanhado todo este processo, graças a, entre muitos outros, os seguintes:

- amigos de um Partido Tunisino, na frente da revolta na Tunísia, em luta por uma constituição laica (últimos encontros com eles, em Paris, Setembro 2012);

- conhecidos, do antigo movimento comunista árabe, na Tunísia e Marrocos, que estão na

Ferraz de Abreu, P. (2012). "O amadurecer da primavera arabe - a crise no Egipto", CRPP, 1(8), pp 16-27, ISSN 2183-8380

frente desta luta;

- a minha investigação *e-Planning*, no terreno, na Tunísia, anos atrás (90's);

- a investigação científica com a minha doutoranda *e-planning*, Francesca Savoldi, que fez um excelente trabalho de investigação e um bom *paper* sobre as "revoluções coloridas", que conduziu á análise da Primavera Árabe; e sobre *TecnoPolitics*, o papel das novas tecnologias e redes sociais nestas revoltas e nos indignados europeus;

- a investigação do meu mestrando Pedro Bentes Graca, que está a completar uma tese de Mestrado sobre a comparação da natureza de *hacker attacks* e guerra de guerrilha, que me permitiu visitar e dar atenção ao uso de ataques cibernéticos, p.ex. alegadamente pelas autoridades no Irão para identificar opositores no *facebook*.

7. Disclaimer

Não obstante estas fontes, a responsabilidade destas opiniões e desta análise é exclusivamente minha, e não pretende de forma alguma representar qualquer opinião destas pessoas, a quem cito apenas para lhes dar o merecido crédito pelo trabalho relevante que fazem.

Referencias

Savoldi, F. & Ferraz de Abreu, P. (2012). "Technopolitic: sophistication and new dichotomies. The Governments' response to the activists, raises emerging issues.", *International Journal of Scientific and Engineering Research (IJSER)* Volume 3, Issue 8, August 2012.

Graça, P.J.B. (2012). "O Ciberataque como Guerra de Guerrilha: O Caso dos Ataques DDOS à Estónia, Geórgia e ao Google- China", Tese de Mestrado em Estratégia, ISCSP-UTL (submetida), Orientador: Pedro Ferraz de Abreu. Co-orientador: António Silva Ribeiro, 2012

Savoldi, F. (2010). "Internet e as Revoluções: A influência das novas ferramentas digitais nos movimentos sócio-políticos. Alguns exemplos.", *e-Planning Working Papers*, CAPP-TSG, Universidade Técnica de Lisboa, Fevereiro 2010

Ferraz de Abreu, P. (2009). "TIC, Cidadania e Participação: A Tecnologia Não é Neutra". Comunicação á Conferência Internacional 'Cidadania Digital', Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa, 19 Março 2009.

Ferraz de Abreu, P. (2002), "*New Information Technologies in Public Participation: A Challenge to Old Decision-making Institutional Frameworks*", Ph.D. Thesis, MIT, Dept. Urban Studies and Regional Planning, Cambridge, USA, May 2002.

Ferraz de Abreu, P. (2001), "Alguns Desafios da Educação em Portugal na Era da Internet e da Democracia Participativa", in Frias Martins, A.M. (ed). 2001, A Investigação Portuguesa: Desafios de um novo milénio – II Encontro de Investigadores Portugueses, Ponta Delgada, Açores, Setembro 1998, org. Universidade dos Açores e Forum Internacional de Investigadores

Ferraz de Abreu, P. (2012). "O amadurecer da primavera arabe - a crise no Egipto", CRPP, 1(8), pp 16-27, ISSN 2183-8380

Portugueses – FIIP, Portugal, 168 pages, pp. 13-22.

Ferraz de Abreu, P. (2001), "Political transitions in Portugal and Mexico: Comparative Analysis", invited presentation at the VI Encuentro de la ANECPAP - Asociacion Nacional de Estudiantes de Ciencia Politica y Administracion Publica, Universidad de Guanajuato, Mexico, 3 y 4 de Marzo 2001.

Ferraz de Abreu, P., Joanaz de Melo, J. (2000), "*Introducing New Information Technologies in Public Participation: Technology is the Easy Part*", in Ferraz de Abreu & Joanaz de Melo (eds). 2000. Public Participation and Information Technologies 1999. CITIDEP & DCEA-FCT-New University of Lisbon, Portugal. 599 pages, pp393-406.

Ferraz de Abreu, P. (1999), "Revolução tecnológica, democracia participativa e nova cidadania: mitos e desafios". Orador convidado no Coloquio "Cidadania e Novas Tecnologias, organizado pela Camara Municipal de Lisboa e Revista Atalaia, Forum Lisboa por videoconferencia a partir do MIT, 4 de Outubro 1999.

Ferraz de Abreu, P. (1999), "The impact of new technologies on Portuguese civil society", invited presentation at the Conference "Contemporary Portugal: Reflecting on 25 years of Democracy, organized by the Center for Portuguese Studies and Culture of the University of Massachusetts at Dartmouth, USA, October 2-3, 1999

Ferraz de Abreu, P. (1996), "Participación y Democracia. La toma de decisiones sociales en la nueva Sociedad de Información", Conferencia "Desarrollo Social En Mexico. Hacia Un Camino Sustentable, Toluca, Mexico. October 1996, COPOED & Universidad Autonoma del Estado del Mexico / Toluca.